

Da fábrica ao lar: o estilo industrial na decoração dos interiores domésticos sob a ótica de gênero

From factory to home: the industrial style in the decoration of home interiors from a gender perspective

Lindsay Jemima Cresto, Universidade Tecnológica Federal do Paraná.
lindsayjcresto@utfpr.edu.br

Marinês Ribeiro dos Santos, Universidade Tecnológica Federal do Paraná.
ribeiro@utfpr.edu.br

Resumo

A decoração dos interiores domésticos é assunto dos mais variados tipos de mídia, que frequentemente reforçam os benefícios de ambientes bem decorados, como a ênfase na personalidade, com a satisfação de ter a casa “com a sua cara”. O *blog* de decoração *Do Edu*, criado em 2012, com a intenção de promover a decoração de interiores domésticos como um *hobby* acessível, recomenda o estilo industrial para os interiores masculinos. O estilo industrial evoca a estética da fábrica e da esfera pública, em uma antítese ao interior doméstico como espaço de ócio, descanso e construído em oposição ao mundo do trabalho. Propomos uma análise do estilo industrial problematizando a relação entre esferas públicas e privadas, visando enfatizar que as práticas no design não são neutras e constroem sujeitos e espaços, propiciando uma reflexão sobre as relações entre design, cultura material e tecnologia sob uma perspectiva de gênero.

Palavras-chave: Estilo industrial, interiores domésticos, gênero

Abstract

The decoration of home interiors is the subject of the most varied types of media, which often reinforce the benefits of well-decorated environments, such as the emphasis on personality, with the satisfaction of having the house “with your face”. The decorating blog Do Edu, created in 2012, with the intention of promoting home interior decoration as an accessible hobby, recommends the industrial style for male interiors. The industrial style evokes the aesthetics of the factory and the public sphere, in an antithesis to the domestic interior as a space for leisure, rest and built in opposition to the world of work. We propose an analysis of the industrial style problematizing the relationship between public and private spheres, aiming to emphasize that the practices in design are not neutral and build subjects and spaces, providing a reflection on the relationships between design, material culture and technology from a gender perspective.

Keywords: Industrial style, home interiors, gender





Introdução

Os significados do lar são construídos em várias instâncias, como as mídias e a arquitetura, por exemplo, e precisam ser constantemente negociados, dependendo do engajamento das pessoas na construção dos significados da cultura doméstica, por meio das práticas cotidianas de consumo e produção do lar (HOLLOWS, 2008). As práticas de consumo cotidianas fazem parte da cultura doméstica, que abrange modos de vida, rotinas, relações interpessoais e os significados atribuídos ao interior doméstico. A decoração, desta forma, abrange práticas culturais e de consumo que influenciam a formação de identidades e impactam na formação de comportamentos e atitudes.

A decoração dos interiores domésticos é um tema popular e assunto tratado nos mais variados tipos de mídia: revistas, programas de televisão, *blogs*, perfis nas redes sociais como *Instagram*, *Facebook*, canais no *Youtube* e plataformas recentes como o *Pinterest*, voltado principalmente às imagens. As mídias de estilo de vida (jornais, revistas, programas de televisão, *blogs* etc.) produzem e divulgam determinados valores, conhecimentos e comportamentos, visando “educar” consumidores/as com base nas práticas de consumo (HOLLOWS, 2008).

Os *blogs* de decoração multiplicaram-se no Brasil nos anos 2000, com dicas de organização, abordagens voltadas à personalização como o “faça você mesmo” e os chamados “diários da reforma”, que compartilham experiências de moradores/as para decorar a casa. Com o crescimento das redes sociais nos anos recentes, os conteúdos produzidos pelos *blogs* circulam rapidamente por diferentes mídias, ampliando o acesso a esses conteúdos, que são facilmente replicados em diversas plataformas, em um processo de domesticação das novas tecnologias de mediação e comunicação inseridas nos lares (MORLEY, 2007; HOLLOWS, 2008). Essas novas dinâmicas das tecnologias de comunicação têm grande repercussão na constituição de identidades sociais (ESCOSTEGUY, 2009).

Neste contexto de *blogs* de decoração com muitos acessos/seguidores, destaca-se o *Do Edu*, criado em 2012 pelo publicitário Eduardo Mendes, com o objetivo de “falar de decoração de um jeito prático e sem muita firulas” (DO EDU, 2014). Idealizado para se comunicar com um público presumido como masculino, o *blog* compartilha sugestões e dicas de decoração com ênfase no conceito *do it yourself* (DIY) ou “faça você mesmo”, como é mais conhecido no Brasil. O *Do Edu* se apresenta como um *blog* de decoração masculina, definida como “decoração sem frescura”, conforme anunciava o subtítulo usado até 2014. Inicialmente focado nas experiências pessoais de seu proprietário, o *blog* cresceu e se transformou em loja, clube de assinaturas, oficinas e serviços de decoração de interiores, ampliando a audiência nas redes sociais entre 2012 e 2018. O *Do Edu* é dividido em cinco seções: *Home*, *Faça você mesmo*, *Inspiração*, *Loja*, *Contato*. As seções sofreram mudanças ao longo dos anos, seguindo uma profissionalização crescente do *blog*, que também possui contas em redes sociais, como o *Facebook*, *Instagram*, *Pinterest* e canal no *Youtube*¹.

Com o objetivo de problematizar como o estilo industrial articula noções de gênero e domesticidade na decoração de interiores no *blog Do Edu*, utilizamos como fonte de pesquisa as publicações das seções *Faça você mesmo*, *Inspiração* e *Leitor Ninja*, no período compreendido

¹ Os perfis podem ser acessados pela página inicial do *blog* em: <https://doedu.co/>



entre 2014 e 2018. Investigamos neste artigo a valorização do estilo industrial, suas origens, o mito da separação de esferas, as representações da esfera pública nos interiores domésticos e quais significados essas representações assumem. As questões ligadas ao espaço doméstico, relacionadas com as construções dicotômicas sobre masculinidades e feminilidades, muito presentes no *blog Do Edu*, impactam na “concepção, organização e ocupação do espaço habitado” (PÉREZ; SANTOS, 2017, p.8).

Para tanto, adotamos uma perspectiva baseada nos Estudos Culturais, na História do Design e nos Estudos de Gênero. A proposta dos Estudos Culturais é investigar os usos e influências dos meios de comunicação no cotidiano das pessoas, nas relações sociais e nas práticas de consumo, entendendo como essas mídias contribuem na formação da cultura doméstica contemporânea. O gênero “funciona como um programa operativo através do qual se produzem percepções sensoriais que tomam a forma dos afetos, desejos, ações, crenças, identidades” (PRECIADO, 2008, p.89), impactando fortemente na construção de espaços e subjetividades nos interiores domésticos.

Na História do Design, as discussões sobre as relações entre produção, circulação, usos e consumo de artefatos têm demonstrado a importância do design na constituição de sujeitos, práticas e espaços mediados pelos artefatos. O consumo doméstico, as práticas de produção do lar e atividades propostas por “não-designers”, são oportunidades de refletir sobre o alcance e importância do design no cotidiano, com sua capacidade de materializar discursos e ideologias por meio dos artefatos e espaços (FORTY, 2007; SPARKE, 2004). Iniciamos o artigo com a discussão sobre a associação entre o lar e as feminilidades, com a intenção de contextualizar a questão da separação de esferas.

Lar, doce lar: a casa como antítese do mundo do trabalho e como esfera feminina

Os significados relacionados ao espaço doméstico transformaram-se ao longo do século XX e XXI, porém identificamos alguns sentidos que permanecem, como a associação do lar com segurança, conforto, aquecimento e família, valores identificados também no século XIX. Esses valores, longe de serem naturais ou descolados de questões históricas, faziam parte das visões de mundo da era vitoriana, pois os ideais de domesticidade e feminilidade foram construídos historicamente (HOLLOWS, 2008). A casa vitoriana era considerada um refúgio contra as pressões e o caos da modernidade.

O conceito de esferas separadas é central para compreender as diferenças entre culturas domésticas pré-industriais e modernas. A casa do período pré-industrial – simultaneamente lugar de trabalho e da vida em família, apresentava poucas distinções entre público e privado e era onde toda a família trabalhava e mantinha relações sociais. Os processos de modernização, industrialização e urbanização modificaram a casa, separando o local de trabalho, transformando o lar em espaço de reprodução, criação de filhos e descanso do trabalho remunerado das fábricas. Desta forma, a associação entre o lar e as feminilidades ganhou força com o desejo de diferenciar o espaço doméstico do mundo do trabalho. Empresários e profissionais liberais viam o mundo

como brutal, ilusório, e passaram a considerar o lar “um repositório das virtudes perdidas ou negadas no mundo exterior” (FORTY, 2007, p.139).

A distinção entre vida pública e privada foi reforçada por meio de sua associação com significados e valores opostos. Por exemplo, a esfera pública foi associada com ‘caos, poluição, dissolução moral e sexual e a erosão da ordem tradicional em contraponto à ideia de um ambiente doméstico virtuoso. O lar passou a significar segurança, conforto, intimidade e uma vida moral e foi imaginado como um refúgio de uma vida perturbadora, perigosa e impessoal da esfera pública imoral. Na verdade, em meados do século XIX, tanto no Reino Unido quanto no EUA, o lar passou a ser visto como um lugar especial; um lugar para ser “você mesmo” e colocar raízes; um lugar de inocência, calor, intimidade e hospitalidade; um site dedicado a casamento e família, religião e moralidade, lazer em vez de trabalho (HOLLOWS, 2008, p.17).

Na transformação da casa em lar virtuoso durante a era vitoriana, certos papéis foram rearranjados e redefinidos, como a definição de padrões de gosto, domesticidade e habilidades consideradas ‘naturais’ para as mulheres na esfera doméstica. Os ideais de feminilidade promovidos no século XIX contribuíram para uma associação da decoração e do espaço doméstico como um cenário feminino, no qual as mulheres eram consideradas mais aptas a organizar, gerenciar e cuidar do lar e da família, como propagavam as revistas voltadas ao público feminino deste período (CARVALHO, 2008). Cabe observar que a separação entre esferas públicas e privadas contribuiu para esta associação entre domesticidade e gênero, além de definir comportamentos esperados e desejados para as mulheres nesta época. Joanne Hollows (2008) argumenta que a experiência com a domesticidade era diferente para as mulheres, de acordo com aspectos como raça e classe.

De meados do século XIX até meados do século XX, o lar tornou-se o repositório dos significados associados às mulheres. Embora os homens continuassem a habitar a arena doméstica e certos cômodos da casa fossem identificados como “masculinos” por natureza, a crença de que a casa era uma esfera predominantemente feminina tornou-se amplamente aceita.

No *blog Do Edu*, a proposta da decoração entendida como masculina apoia-se em diferenças entre atividades associadas aos homens e às mulheres. Nos textos de apresentação, o *blog* se apresenta como uma alternativa diferente, prática, “realizável” e “com personalidade” para decorar espaços habitados por homens. No texto na página inicial, o proprietário explicava a motivação para a criação do *blog*:

Em busca de referências pela internet, descobri o monopólio feminino nos blogs e apesar de encontrar várias referências, senti falta de um espaço com uma visão diferente sobre decoração. O blog tem uma visão própria sobre decoração e tento aqui, repassar o que eu tenho aprendido e o que eu gosto através de conteúdo realizável, onde quem ler consiga perceber sua capacidade de realizar também. Enxergo no blog um espaço pra falar diretamente com cada leitor, numa conversa informal e divertida, sem amarras ou linguagens técnicas. Acredito que decoração não tem sexo e sim, personalidade. Por isso, o Homens da Casa² é um espaço universal sob uma visão particular (DO EDU, 2014).

² O *blog* foi criado originalmente como *Homens da Casa* em 2012 e só em 2018 o título foi modificado, transformando-se em *Do Edu*, seguindo uma estratégia de profissionalização associada ao nome do proprietário, Eduardo Mendes.



A questão do “monopólio das mulheres na decoração” e a associação tida como natural entre a decoração e as feminilidades é o ponto de partida para justificar a criação do *blog* no argumento do proprietário Eduardo Mendes. A ideia de monopólio indica, no modo como foi empregado por Mendes, algo negativo e que concentra ideias e conhecimentos sobre o assunto.

No trecho acima, o termo sexo é usado para designar um gênero, com a ideia de que a “decoração não tem sexo”, ou seja, de que não está vinculada somente às feminilidades. O conceito de gênero, historicamente, foi empregado como forma de rejeitar as explicações biológicas que subjogavam e perpetuavam formas de dominação das mulheres, sobretudo em relação à reprodução e à maternidade (SCOTT, 1995). O gênero abrange as relações sociais entre os sexos, ampliando a discussão sobre identificação, representação e construção de significados na sociedade, muito além de oposições binárias. O “monopólio das mulheres” refere-se à naturalização da decoração dos interiores domésticos como uma atividade feminina. Esta associação entre decoração e feminilidades foi construída historicamente, fundamentada em parte no mito das esferas separadas que se desenvolveu durante o século XIX e relacionada também à valorização de certas atividades e habilidades.

As fronteiras entre esferas pública e privada não eram assim tão rígidas, segundo Penny Sparke (2008), que identificou como consequências dessa mudança a transformação dos papéis sociais, principalmente das mulheres. Entre 1850 e 1914, seguiu-se uma grande mudança nos papéis e identidades femininas, aspiração social e mobilidade e, com a crescente importância da noção de gosto, o interior doméstico sofreu significativas transformações.

Enquanto os homens continuaram a habitar a arena doméstica, e certos cômodos da casa foram identificados como de natureza “masculina”, a crença de que a casa era, no entanto, uma esfera predominantemente feminina tornou-se amplamente aceita. Esta crença na existência de uma relação especial entre as mulheres e o interior doméstico resultou não só na sua forte presença no espaço físico, mas os esforços mais criativos para elaborá-lo e, assim, imbuir-lo com significados. Através do consumo de bens com o qual a construção de uma casa, através de escolhas quanto à sua decoração e através do trabalho produtivo direto resultando em ornamentação e exibição, as mulheres tornaram-se cada vez mais as progenitoras-chave dos significados que vieram a ser incorporados aos interiores domésticos (SPARKE, 2008, p. 72).

Penny Sparke argumenta que a capacidade das mulheres de ver suas casas como espelhos coincidiu com a profissionalização crescente em uma série de esferas distintas, especialmente em áreas que eram vistas como extensões “naturais” de seus papéis de gênero aceitos, tais como educação, enfermagem e decoração de interiores. A decoração do interior doméstico passou a ser vista como uma forma viável de trabalho remunerado para as mulheres nas últimas duas décadas do século XIX na Inglaterra. Essa possibilidade foi percebida como uma consequência natural das mulheres assumindo a responsabilidade pela decoração da casa como amadoras e, posteriormente, um número crescente de mulheres foram treinadas como arquitetas, porém, trabalhando com os interiores dos edifícios.

A domesticidade dos interiores vitorianos estava muito mais vinculada à modernidade do que em uma resistência a ela. Os interiores vitorianos também se moldavam pelos valores da racionalidade da fábrica, que foram incorporados ao lar. Os novos espaços comerciais e públicos surgidos no século XIX, como lojas de departamentos, *shoppings*, museus e salas de exposição foram criados baseados na concepção de esferas separadas e apresentavam-se como uma antidomesticidade (SPARKE, 2008). Para Joanne Hollows (2008), a metáfora das esferas separadas teve grande impacto na percepção e valorização do mundo moderno. A esfera pública foi associada à produção de bens, à economia e à política, enquanto a esfera privada foi relacionada com a individualidade, o consumo e vida doméstica.

No século XX, grande parte das práticas de consumo teve como foco o espaço doméstico (PÉREZ; SANTOS, 2017). Nas décadas de 1920 e 1930 conceitos como racionalização e eficiência ganharam espaço no lar, baseados apoiados nos princípios científicos adotados nos Estados Unidos e na Inglaterra. O lar poderia ser melhorado com a ciência, tecnologia e princípios de eficiência empresarial, considerados indispensáveis para a melhoria da vida doméstica. Disciplinas como “ciência doméstica” e “economia no lar” ensinavam como a casa poderia tornar-se mais eficiente. Christine Frederick defendia usar “o poder da ciência para melhorar a condição humana” (HOLLOWS, 2008). Frederick redesenhou a cozinha, estabelecendo regras para distribuição e organização dos móveis no espaço, como a localização da bancada da pia abaixo da janela e diminuindo o número de passos necessários para as mulheres desempenharem atividades, reduzindo assim o tempo e energia empregados em tarefas cotidianas. O acesso à eletricidade também possibilitou a inserção de uma variedade de utensílios, como ferro de passar, geladeiras e aspiradores, anunciados como facilitadores do trabalho doméstico e da eficiência no lar.

A arquitetura moderna procurou se esquivar dos valores da vida doméstica vitoriana, promovendo uma amplitude visual, com espaços amplos, iluminação com tetos e espaços de vidro. A domesticidade vitoriana é substituída pela lógica científica e pela racionalidade. Na concepção do arquiteto francês Le Corbusier, a casa era uma “máquina de morar”, reforçando a racionalidade da arquitetura e as transformações nos interiores domésticos modernos.

Quando a fábrica invadiu o lar: origens e características do estilo industrial

A revista *Casa & Jardim* trata o estilo industrial como a fábrica que “invadiu a casa. A exposição das estruturas, como vigas, tijolos, colunas, tubulações elétricas e hidráulicas, é tendência na decoração. Junto com ela, gamas de todos os cinzas e materiais rústicos, como as madeiras de demolição e os metais” (CASA & JARDIM, 2016). Os artefatos industriais são móveis e objetos que têm aspecto de terem pertencido ao ambiente fabril, destacando-se como “invasores” ou “estranhos” ao espaço doméstico. Talvez porque, como foi discutido anteriormente, foram anos de construções históricas sobre o lar como local de refúgio e oposto ao mundo fabril e do trabalho.

O estilo industrial tornou-se muito popular na decoração de interiores nos últimos anos, usado em ambientes de mostras de decoração, revistas especializadas, *blogs* amadores e nos projetos de designers. O termo industrial esteve/está associado ao processo de industrialização e ao

imaginário das antigas fábricas instaladas no início do XX, com as transformações ocorridas com a Revolução Industrial. A industrialização e a mecanização foram percebidas como ameaças ao trabalho de artistas, arquitetos e designers, assim como foram consideradas as causas de problemas projetuais e estéticos dos produtos e de desigualdades sociais, desvalorizando o conhecimento dos trabalhadores (CARDOSO, 2004).

A difusão da eletricidade no início do século XX contribuiu com a produção de vários tipos de aparelhos que conhecemos atualmente: torradeiras, máquinas de lavar pratos, lavadoras de roupas, aspiradores de pó, batedeiras, fogões, aquecedores e chaleiras (FORTY, 2007). A eletricidade era uma energia de alto custo nos primeiros anos, portanto, o design e o ideal de eficiência foram usados na promoção da eletricidade residencial, com a promessa de “um mundo brilhante, limpo, eficiente, alegre, sem labuta; tornaria real as visões das utopias e da ficção científica” (FORTY, 2007, p.257).

Um dos primeiros registros da atuação de um designer na indústria, não por acaso, esteve ligada à produção de artigos elétricos. A parceria entre o designer Peter Behrens e a empresa alemã AEG (Companhia Geral de Eletricidade) é usada como exemplo de uma relação bem-sucedida entre design e indústria. Behrens criou vários tipos de produtos elétricos para a AEG, além de elaborar manuais e catálogos de produtos, identidade visual da empresa, instalações para fábricas e lojas, e alojamentos para funcionários, realizações que lhe renderam o título de primeiro designer industrial (CARDOSO, 2004; FORTY, 2007; HESKETT, 1998). A fábrica de turbinas (figura 1) criada para a AEG foi o primeiro edifício alemão a usar ferro e vidro. Behrens definiu uma tipologia para a arquitetura fabril, muito reproduzida nos anos posteriores, e desenvolveu chaleiras e ventiladores (figura 1) com partes intercambiáveis com diferentes acabamentos, oferecendo uma diferenciação nos produtos e diminuição de custos de produção.



Figura 1: Fábrica de turbinas, ventilador e luminária pendente: projetos criados por Peter Behrens para a AEG. Fonte: <https://www.archdaily.com/619290/spotlight-peter-behrens>; https://www.art-prints-on-demand.com/a/behrens-peter/aegventilator.html&KK_COLLECT_ID=4; <https://br.pinterest.com/pin/438186238725817397/>

A valorização de elementos industriais e da estética mecânica estava ligada a uma crescente aceitação da industrialização e de seus efeitos, compreendendo a mecanização e a industrialização como símbolos do progresso tecnológico:



Após décadas e até séculos, de resistência ao avanço do industrialismo por questões de sensibilidade artística – ou seja, por achar feia e repugnante a sociedade industrial – surgiu um ideário que apresentava a máquina e as suas decorrências na vida não como coisas que precisavam ser escondidas ou suavizadas, mas como o próprio fundamento de uma nova estética. Ao abraçarem abertamente as formas mecânicas, os movimentos de vanguarda artística franqueavam ao industrialismo uma respeitabilidade e prestígio social que até então lhe tinham faltado (CARDOSO, 2004, p.114).

Da aceitação e crescente valorização da industrialização e mecanização no início do século XX, foram necessários alguns anos e mudanças na visão sobre os interiores domésticos, para que a celebração de uma estética industrial se transformasse em um estilo valorizado na decoração. As origens do estilo industrial estão nos *lofts* dos anos 1960 e 1970, que eram residências instaladas em antigas fábricas ou galpões preservados, geralmente em áreas degradadas de Nova York (FIELL, 2005). Os *lofts* caracterizavam-se pelos espaços amplos, sem divisórias entre os ambientes e com grandes janelas de vidro, paredes de concreto ou de tijolos aparentes, muitas vezes descascadas pela ação do tempo, com tubulações aparentes, estruturas metálicas e alguns tipos de móveis e equipamentos usados nas antigas fábricas.

Os *lofts* exigiram mobiliário com escala compatível aos espaços, mais robustos, para se adequarem à estética das instalações e das lâmpadas de fábricas e bancadas de laboratório enferrujadas. Esses objetos tinham um caráter minimalista baseados na concepção de “objeto encontrado”: objetos que não foram necessariamente criados por designers e que eram reaproveitados em novos contextos de uso de acordo com justificativas de funcionalidade e utilidade (HEATHCOTE, 2018). A noção de “objeto encontrado” propicia uma reflexão sobre os usos de objetos utilitários na maioria das vezes alheios à decoração de interiores e que não foram pensados para este fim.

O estilo industrial foi influenciado pelo *high-tech*, que surgiu na arquitetura durante a década de 1960, inspirado no formalismo geométrico do modernismo do início do século XX. Os arquitetos Norman Foster e Michael Hopkins foram pioneiros em incorporar elementos industriais não ornamentais aos projetos, deixando instalações aparentes e adotando equipamentos utilitários e acessórios usados em fábricas, tais como: estantes de zinco, gaveteiros e mesas com rodízios, pisos e revestimentos de borracha, luminárias com lâmpadas com bulbo e suportes de andaime. Estruturas geralmente pouco visíveis ganharam destaque na arquitetura e nos interiores neste período. Segundo Forty, a introdução de elementos do conforto doméstico nos espaços de trabalho diminuiu as distinções entre a vida privada e pública. “Foi nesse contexto que alguns designers impertinentes decidiram imitar os acabamentos duros e metálicos dos ambientes industriais nos interiores domésticos, num estilo que ficou conhecido como *high-tech*” (FORTY, 2007, p.142)

Nos anos 1980, o *high tech* era o estilo que se contrapunha às soluções do design *pop* e pós-moderno. Esse estilo buscava retomar as propostas utilitárias e o formalismo geométrico do modernismo. O *high-tech* influenciou o trabalho de designers como Ron Arad e Tom Dixon durante os anos 1980, que adotaram o design *one-off* que utilizava materiais industriais recuperados e transformados em novos produtos (FIELL, 2005).



A tecnologia exerceu um papel importante na construção, produção e representação e significado cultural dos bens, imagens e espaços durante as décadas de 1970, 1980 e 1990. A ênfase no consumidor e no consumo neste período estimulou uma relação mais próxima do design com o mundo da produção e da inovação tecnológica. Os sofisticados e complexos produtos eletrônicos de empresas/marcas como Sony, Sharp, Canon, Toshiba expressavam em sua estética o ambiente de alta tecnologia no qual foram desenvolvidos (SPARKE, 2004). Os produtos, mesmo voltados aos espaços domésticos, sugeriam alta performance e evocavam espaços tecnológicos e futuristas com os complexos painéis, botões e interruptores. A utopia tecnológica era representada por artefatos masculinos, com cores como prata e preto, complementados pelas múltiplas funcionalidades desses produtos (SPARKE, 2004).

Neste contexto, “a transferência de uma linguagem derivada do espaço de trabalho e da esfera pública para dentro da arena doméstica trouxe a tecnologia mais próxima da vida de muitas pessoas e sugeriu a reencarnação do ideal modernista da metade do século XX” (SPARKE, 2004, p.150). A fé na tecnologia é, para Sparke, parte de uma crença que os primeiros modernistas tinham na ideia de função como “antídoto para a confusão cultural e revisionismo” (SPARKE, 2004, p. 150). Durante os anos 1980, ficou evidente que o estilo tecnológico não era sobre racionalidade ou sobre uma visão simples e alternativa para o consumo de massa; ao contrário, era uma outra manifestação do consumo de massa (SPARKE, 2004).

O estilo *high tech* é muito mais uma nostalgia do que expressão da tecnologia nos dias de hoje; é mais “*low tech*”, já que faz referência à engenharia da era vitoriana e a indústria do início do século XX. A ironia é que o *high tech* não pode representar as tecnologias atuais, cada vez mais digitais e insubstanciais, popularizadas por meio de cabos invisíveis (HEATHCOTE, 2018). Escadas rolantes que se cruzavam, telhados de aço e vidro como das fábricas do início do século XX apenas reforçam o caráter nostálgico do estilo industrial aplicado aos edifícios contemporâneos. A arquitetura *high tech* resulta sentimental, nostálgica e apegada a um passado que não existe mais (HEATHCOTE, 2018).

Quando a fábrica é hipster: o estilo industrial no *blog Do Edu*

No *Do Edu*, o estilo industrial é muito valorizado como um estilo “moderno”, “descolado”, “com personalidade” e parte fundamental da proposta de decoração masculina promovida pelo *blog*. O estilo industrial é a base para a criação de vários tipos de projetos no *blog*: mesas, paredes containers, peças industriais reaproveitadas na criação de móveis e luminárias, luminárias, etc. A estética industrial também aparece nas publicações com imagens de decoração de interiores de *lofts*, bares, barbearias, restaurantes e até escritórios, considerados como inspiração para os projetos de decoração de interiores.

Segundo o *blog*, é possível construir uma decoração de estilo industrial focando na escolha de materiais, como o concreto, metais e tijolinhos à vista. Eduardo Mendes comenta em uma publicação na seção *Inspiração*, que trazia imagens de *lofts* instalados em antigas fábricas estadunidenses: “Você já pensou em morar numa antiga oficina desativada? Eu já e tô com uma ponta (bem grande) de inveja desse *loft*!” (DO EDU, 2016). O quarto do proprietário do *blog*

foi decorado com acabamento que imita o cimento queimado nas paredes, um armário tipo roupeiro de aço, que foi convertido em móvel para a televisão (figura 2, à esquerda). Entre os elementos que caracterizam o estilo industrial estão a instalação de trilhos para iluminação e canos aparentes, além da cor cinza nas roupas de cama (figura 2, à esquerda). Destaco na imagem a máquina de escrever, à esquerda, usada como item decorativo que remete a um passado imaginário, pois é um artefato “retrô”, e esculturas de cactos à direita, no lugar de plantas naturais.



Figura 2. O quarto e a sala da casa do proprietário do blog Do Edu (2017). Fonte: <https://doedu.co/tour-pelo-meu-quarto/>; <https://doedu.co/?s=tour+pela+minha+sala>

Na sala (figura 2, à direita), as cores cinza e preto dominam a composição. A preferência pelo estilo industrial é representada por vários elementos: a luminária pendente com fios que deixam as lâmpadas de bulbo em destaque, correntes de bicicletas transformadas em porta-objetos, madeira tipo de demolição no móvel da TV e revestimento da parede e caixas plásticas (usadas no transporte de verduras e legumes) como gavetas no móvel da televisão. A ilustração do coração representando a emoção/o amor com um enfoque médico-científico, similar aos livros de anatomia. A caveira é outro elemento presente na decoração e nos pôsteres do *blog*, ligada à iconografia do rock na decoração e associada aos espaços masculinos. O cacto é a mesma escultura usada no quarto e já foi tema de pôster do *blog*.

No *Do Edu*, o estilo industrial possibilita uma reflexão sobre a preferência pela representação dos espaços públicos (bares, fábrica, restaurantes, barbearias, mercearias) nos interiores domésticos, rejeitando as representações do lar como oposto ao mundo do trabalho e à esfera pública. A estética dos espaços públicos e do mundo do trabalho são empregadas como estratégia de diferenciar a decoração masculina das domesticidades femininas. A noção de que os homens preferem decorar seus interiores domésticos como extensões dos espaços públicos que frequentam como sinônimo de personalidade não se sustenta, porque o estilo industrial tornou-se uma moda generalizada na decoração nos últimos anos. Outra justificativa para adotar o estilo, nos discursos do *blog*, é que é mais prático, funcional e “descolado”. A ideia de praticidade é contrariada pelas inúmeras sugestões de objetos não funcionais na decoração, como máquinas de escrever antigas, que servem como elementos decorativos apenas.

A leitora Larissa decorou o quarto de acordo com as sugestões do estilo industrial, inspirada no *blog*, com uma parede de tijolos descascados (figura 3, à esquerda). Na descrição do quarto, a leitora narra a alegria de encontrar a parede de tijolos durante uma reforma do espaço. Vale lembrar que no *blog* existem sugestões de como reproduzir o acabamento de tijolos com o material EVA, que simula esse acabamento, chamado de “tijolinho fake”. Vários leitores utilizaram essa sugestão em seus projetos. Para a leitora Larissa, que reformou um imóvel antigo, os revestimentos foram uma “linda surpresa”. O quarto utilizou instalações aparentes, uma antiga janela de ferro usada como cabeceira da cama, as cores cinza e preto como base da decoração e da roupa de cama (figura 3, à esquerda). Eduardo Mendes classificou o projeto como “o quarto sensacional”.

A leitora Lara reformou um imóvel antigo e decorou vários ambientes no estilo industrial. No quarto, usou instalações aparentes, acabamento com efeito de cimento queimado nas paredes e tonalidades de cinza nas roupas de cama (figura 3, à direita). Em nenhum dos relatos há uma relação com decoração masculina, embora sejam espaços compartilhados por casais heterossexuais. É interessante observar que as referências à esfera pública convivem com fotografias do casal e familiares no quarto, convidando a uma reflexão sobre as materialidades e significados do estilo industrial na decoração.

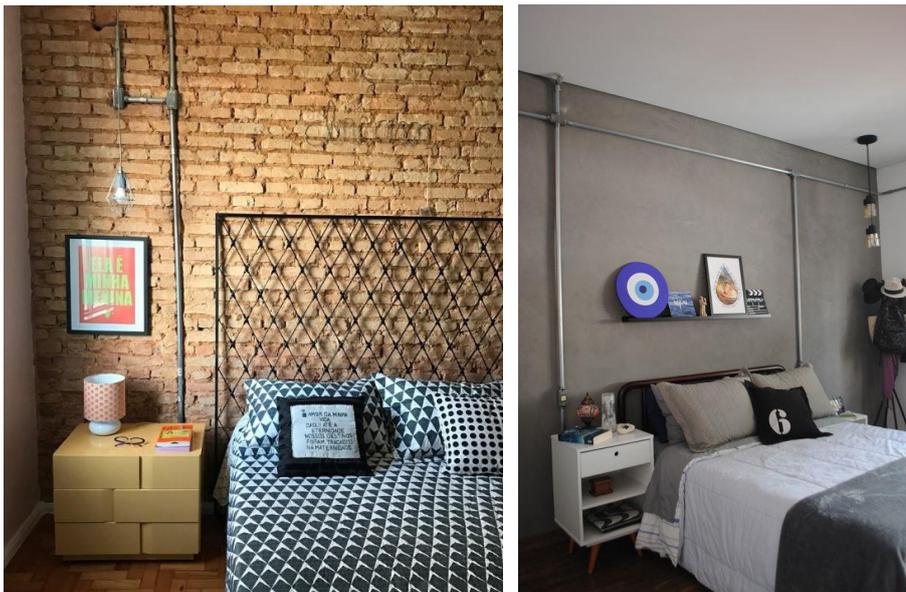


Figura 3: O quarto da Larissa e o quarto da Lara e do Rico. Seção *Leitor Ninja*, Do Edu (2017).
Fonte: <http://doedu.co/leitor-ninja-o-quarto-da-larissa/>; <https://doedu.co/leitor-ninja-a-casa-da-lara-do-rico/>

Cabe uma reflexão: por que os espaços públicos estão sendo utilizados como elementos da domesticidade? Ou foi a domesticidade que mudou? A referência ao espaço público ajuda a compreender a preferência pelos símbolos da indústria: é uma escolha nostálgica que retoma um passado fabril e do trabalho nunca vividos, porém aceitos como adequados ao espaço doméstico. Essa nostalgia também está ligada a uma visão de mundo masculino, do trabalho, do design moderno.



Considerações finais

O estilo industrial articula o imaginário da indústria do início do século XX para evocar valores associados à modernidade, tais como tecnologia, praticidade, eficiência, simplicidade na decoração. Esses valores resultam conflitantes com as sugestões de luminárias reaproveitadas, de objetos antigos que adquirem valor somente estético, não funcional e com as noções de indústria e tecnologia atualmente. O estilo industrial articula o imaginário fabril e a estética dos bares e outros espaços da esfera pública, estabelecendo uma associação entre este estilo e as masculinidades. Essas estratégias não se sustentam, pois, as fronteiras não são tão rígidas como são apresentadas, conforme Penny Sparke argumentou. As leitoras do *Do Edu*, em vários projetos, mostraram como a associação entre o estilo industrial, considerado mais rústico, bruto e, por extensão, masculino, também não se sustenta como proposta de decoração masculina, pois as mulheres preferem o estilo pelas mesmas características e porque é diferente das visões convencionais sobre a decoração, o lar e as feminilidades.

É difícil determinar em qual momento o estilo industrial está mais presente nos espaços públicos ou privados, pois essas representações se alimentam numa relação mútua. Os espaços privados simulam muitas vezes os espaços públicos, trazendo o mundo de fora (bares, cafés, restaurantes, barbearias) para dentro de casa, construindo identidades marcadas por esta relação com a esfera pública, social e não somente do trabalho. Outro aspecto é que o trabalho tem se modificado e fragmentado, inserido na vida privada como uma continuidade das jornadas dos escritórios.

Adrian Forty (2007, p.150) argumentou que era improvável o estilo *high-tech* atraísse “mais do que a reduzida elite profissional e comercial cuja escolha de imagens relacionadas com a fábrica parece determinada principalmente pelo desejo de distinguir suas casas das da classe trabalhadora, que continuam mobiliadas como a antítese do lugar de trabalho. O argumento de Forty explicita a questão de classe no estilo industrial/high-tech, possibilitando questionar quem pode experimentar a decoração dos interiores domésticos como representação da esfera pública e do trabalho? Possivelmente as pessoas que vivenciam os espaços públicos como lazer, e não trabalho, pois suas relações de trabalho são muito distintas dos bares, barbearias, escritórios e fábricas. Os espaços públicos que “invadem” a esfera privada narram estratégias para diferenciar a casa e a decoração das ideias convencionais de refúgio, descanso e das feminilidades associadas aos interiores domésticos. Desta forma, a decoração dos interiores domésticos nos convida e questionar e discutir como as concepções sobre design, gênero e tecnologia são articuladas no espaço e consumo domésticos, implicando no reconhecimento ou desvalorização de certas práticas e conhecimentos relacionados ao lar.

Referências

- CARDOSO, Rafael. **Uma Introdução à História do Design**. São Paulo: Edgard Blücher, 2004.
- CARVALHO, Vânia. **Gênero e artefato: o sistema doméstico na perspectiva da cultura material –São Paulo, 1870-1920**. São Paulo: EDUSP, 2008.



CASA E JARDIM. Estilo industrial: a fábrica invadiu a casa. 28 jan. 2016. 08h30. Disponível em:<<https://revistacasaejardim.globo.com/Casa-e-Jardim/Decoracao/noticia/2016/01/decoracao-industrial.html>> Acesso em: 15/05/2017.

DO EDU. **Só um oi mesmo...** Inspiração. 16/08/2012. Disponível em: < <https://doedu.co/so-um-oi-mesmo/>> Acesso em: 20/03/2014.

_____. **A casa da Lara e do Rico.** Leitor Ninja. Eduardo Mendes. 29/08/2017. Disponível em:< <https://doedu.co/leitor-ninja-a-casa-da-lara-do-rico/>> Acesso em: 20/09/2017.

_____. **O quarto da Larissa.** Leitor Ninja. Eduardo Mendes. 02/03/2017. Disponível em:< <https://doedu.co/leitor-ninja-o-quarto-da-larissa/>> Acesso em: 20/06/2017.

novembro de 2016.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. **Quando a recepção já não alcança: os sentidos circulam entre a produção e a recepção.** Revista da Associação Nacional dos Programas de pós-Graduação em Comunicação -E-compós, Brasília, v.12, n.1, jan./abr. 2009.

FIELL, Charlotte & Peter. **Design do século XX.** Alemanha: Taschen, 2005.

FORTY, Adrian. **Objetos de desejo: design e sociedade desde 1750.** São Paulo: Cosac Naify, 2007.

HEATHCOTE, Edwin. **How ‘High Tech’ became the architectural style of globalisation.** Industrial structures like the Pompidou and Lloyd’s Building seem nostalgic for a bygone age. Architecture. Financial Times. 23/03/2018. Disponível em:<<https://www.ft.com/content/92d5063a-277d-11e8-9274-2b13fccdc744>> Acesso em: 20/12/2018

HEITLINGER, Paulo. Designers. Peter Behrens. 2007. Disponível em:< <http://www.tipografos.net/design/behrens.html>> Acesso em: 08/11/2018.

HESKETT, John. **Desenho Industrial.** 2. ed. São Paulo: Editora José Olympio, 1980.

HOLLOWS, Joanne. **Domestic Cultures.** Berkshire: Open University Press, 2008.

MENDES, Eduardo. **Eduardo Mendes:** entrevista [27 de maio 2017]. Entrevistadora: L. Cresto. Curitiba: Nex Coworking, 2017.

MORLEY, David. **Medios, modernidade y tecnologia.** Hacia una teoria interdisciplinaria de la cultura. Barcelona: Gedisa Editorial, 2008.

PÉREZ, Inés; SANTOS, Marinês Ribeiro dos. (orgs.) **Gênero e Consumo no espaço doméstico:** representações na mídia durante o século XX na Argentina e no Brasil. Curitiba: Editora UFPR, 2017.

SANTOS, Marinês Ribeiro dos. **O Design Pop no Brasil dos anos 1970: Domesticidades e Relações de Gênero na Revista Casa & Jardim.** 2010. 312 f. Tese (Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas) –DICH/Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In: **Educação & Realidade.** Porto Alegre, vol. 20, n.2 jul.dez. 1995, p.5-19.

SPARKE, Penny. **An introduction to design and culture:** 1900 to the present. 2nd edition. London: Routledge, 2004.

_____. **The Modern Interior.** London: Reaktion Books, 2008.



Sobre as autoras

Lindsay Jemima Cresto

Possui mestrado e doutorado em Tecnologia e Sociedade pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná. É professora do Departamento Acadêmico de Desenho Industrial da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, atuando nos cursos de graduação nas áreas de Teoria e História do Design e Semiótica. Os interesses de pesquisa estão focados nos seguintes temas: História e Teoria do Design, sob o enfoque dos estudos de gênero e da cultura material.

<https://orcid.org/0000-0002-2598-1533>

50

Marinês Ribeiro dos Santos

Possui Doutorado em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Santa Catarina. É professora na Universidade Tecnológica Federal do Paraná, onde atua nos cursos do Departamento Acadêmico de Desenho Industrial e no Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade (PPGTE). Realiza pesquisas nas áreas de Teoria e História do Design, com ênfase nas articulações entre cultura material, espaço doméstico e relações de gênero.

<https://orcid.org/0000-0002-9925-9949>